

S I G R I D O

L E V E N T H A L

emanuel

dimas

de

melo

pimenta

2

0

0

1

título: SGRIDO LEVENTHAL

autor: Emanuel Dimas de Melo Pimenta

ano: 2001

editor: ASA Art and Technology UK Limited

© Emanuel Dimas de Melo Pimenta

© ASA Art and Technology

www.asa-art.com

www.emanuelpimenta.net

Todos os direitos reservados. Nenhum texto, fragmento de texto, imagem ou parte desta publicação poderá ser utilizada com objectivos comerciais ou em relação a qualquer uso comercial, mesmo indirectamente, por quaisquer meios, electrónicos ou mecânicos, incluindo fotocópia, qualquer tipo de impressão, gravação ou outra forma de armazenamento de informação, sem autorização prévia por escrito do editor. No caso do uso ser permitido, o nome do autor deverá ser sempre incluído.

If music be the food of love, play on

William Shakespeare

Em 1985, fui convidado, pelas mãos da mezzo soprano Anna Kieffer, para participar na 18^ª Bienal Internacional de São Paulo com um grande concerto.

Trabalhei durante meses na composição de uma peça que utilizava somente uma nota musical.

Investiguei o desenho da árvore de harmónicos de praticamente todos os instrumentos acústicos Ocidentais. Estabeleci, a partir de um outro estudo sobre as variações topológicas num sector subaquático do Oceano Pacífico, um diagrama de densidade de harmónicos. Pequenas flutuações de afinação seguiam novos parâmetros.

O conflito das diferentes *árvores* projectariam sons resultantes percebidos de forma diferente por cada pessoa.

O resultado foi um conjunto de partituras virtuais, gráficas, em quatro dimensões – naquela época *traduzidas* em diversos esquemas bidimensionais.

O problema, como quase sempre acontece no Brasil – sem que, aparentemente, o público geral se incomode com isso – é que não havia dinheiro. De repente, ficamos sem qualquer condição para trabalhar.

Uma situação bastante complicada. A peça, que tinha como título *O Mar*, previa quatro conjuntos independentes com algumas dezenas de instrumentos espalhados pelo edifício da Bienal.

Poucos músicos se dispunham a tocar, porque não era possível pagar!

Durante semanas, procurei vários patrocinadores que, com maior ou menor delicadeza, negaram-se, um a um, a apoiar o concerto.

Já não me recordo se foi o Hans Joachim Koellreutter ou o Rodolfo Coelho de Souza quem, diante daquele insolúvel problema, contactou o Sigrido Leventhal. Creio que foram ambos. Terá sido também o Conrado Silva? A própria Anna Kieffer?

Todos talvez.

Não lembro.

Apenas recordo a profunda frustração que senti ao encontrar aquela imensa barreira, aparentemente intransponível, que ameaçava de morte tudo o que se pretendia fazer e que tanta energia já tinha consumido.

Ninguém apoiava o projecto.

Ninguém estava interessado.

Empresas e pessoas estavam obcecados pelos seus interesses pessoais, pelo imediato lucro – dinheiro pelo dinheiro.

Eu era um jovem compositor e desenvolvia, desde os últimos anos da década de 1970 uma espécie de nova tecnologia de pensar a notação musical, tomando a música enquanto sistema lógico complexo.

Assim, arrasado por todos os *nãos* que tropecei pelo caminho, fui a uma reunião com o Sigrido Leventhal.

Ele tinha um Conservatório muito interessante, uma referência histórica. Se os estudantes pudessem tocar, seria a salvação daquele projecto.

Eu já tinha audições e alguns concertos na Europa, no Canadá e no Japão, mas o Brasil era sempre um problema. Creio que praticamente não houve um único concerto meu no Brasil em que a sala não estivesse praticamente cheia. Ainda assim, a dificuldade em encontrar apoios era algo inimaginável.

Sigrido ouviu com toda a atenção.

A sua mesa estava cheia de papéis.

Atendeu ao telefone uma, duas vezes.

Mostrei-lhe as partituras, desenrolando imensos tubos de papel.

No final, disse apenas para que eu fosse em frente, que o Conservatório estava à minha disposição e que eu poderia dispor de quantos músicos eu desejasse – desde que, naturalmente, eles também assim o quisessem.

Depois, sempre com brevidade, disse que admirava muito o meu trabalho e o meu esforço. Contou que a vida dele toda fora sempre uma interminável batalha contra o desinteresse, contra a alienação e que, apoiando o meu projecto, nada mais fazia do que estar coerente com aquilo que ele próprio acreditava.

Em apenas uma semana, os quatro conjuntos estavam completos.

Eram várias dezenas de estudantes.

Ensaíamos incansavelmente durante cerca de três meses.

Depois daquele primeiro encontro, estive com Sigrido apenas mais uma ou duas vezes.

A imagem que tenho dele é a de um homem generoso, um profundo humanista, alguém cuja energia não conhece limites, mas igualmente a de um ser humano no sentido mais profundo do termo. Uma pessoa cuja missão é resgatar uma Paideia em tantos momentos tragicamente perdida.

Conversei muito sobre o Sigrido com o Koellreutter, que nunca escondeu a grande amizade e admiração que sempre os uniu.

O Mar foi um grande sucesso.

Sigrido Leventhal foi fundamental para que *O Mar* acontecesse.